



arne de Mulher", de Franca Rame e Dario Fo conta a história de uma mulher que está sendo interrogada por uma médica e sua equipe. A partir do seu depoimento, nos deparamos com a trajetória de alguém que foi alvo de uma sequência de violências de gênero ao longo da vida e que de repente decide colocar em prática, como com a força de um grito, o seu ato de libertação.

O espetáculo foi criado apenas por mulheres, artistas potentes de grande destaque nas artes, que vertem no trabalho o seu olhar, a sua luta permanente a qual estão expostas dia a dia. A peça já realizou quatro temporadas no centro de São Paulo, nos teatros: Teatro de Arena Eugênio Kusnet, Teatro Pequeno Ato, Teatro Cemitério de Automóveis e Teatro Eva Herz. Realizou também apresentações no Itáu Cultural, em Poços de Caldas, na Mostra SOLO de Mulheres no Teatro de Container, no Festival Boca de Cena em Campo Grande em Mato Grosso do Sul, nos Sescs Registro e Sorocaba e no Uruguai no CICLO ELLAS EN LA DELMIRA do Teatro Solís. Foi contemplado recentemente pelo Prêmio Cleyde Yaconis, realizando 24 apresentações gratuitas na cidade de São Paulo. "Essa poderosa e emocionante obra voltou para mim quando Dario morreu em 2016. Reli e percebi o quanto é atual e senti a urgência de fazer o espetáculo neste momento. É necessário acabar de uma vez por todas com as práticas de violência, repressão e assassinatos que em muitos casos acontecem dentro dos próprios lares. Com isso, é preciso que caminhemos para um despertar de uma consciência cada vez maior através de campanhas, políticas públicas, debates sobre gênero nas escolas e todo tipo de discussão nesse sentido. Muitas vezes estes crimes são tidos como passionais, quando é necessário ir direto à verdadeira nomenclatura do ato e categorizá-los como feminicídios, violência de gênero, evitando correr o risco de romantizar o ato.

Carne de Mulher é o meu manifesto, o meu ato político. Os artistas têm essa responsabilidade de cutucar a sociedade na sua cegueira, na sua burrice, na sua intolerância. Não temos mais como permitir o machismo. A peça é um grito de libertação, um clamor pelos direitos humanos e, portanto, altamente feminista."

PAULA COHEN

Este projeto foi realizado com apoio do Prêmio Cleyde Yáconis -Secretaria Municipal de Cultura

CONCEPÇÃO E ATUAÇÃO: PAULA COHEN

TEXTO: DARIO FO E FRANCA RAME

DIREÇÃO: **GEORGETTE FADEL**

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: JESSICA RODRIGUES

E VICTÓRIA MARTINEZ

ILUMINAÇÃO E CENOGRAFIA: MARISA BENTIVEGNA

TRILHA: CLAUDIA ASSEF

RESPONSÁVEL TÉCNICA: PATRICIA MORIM

ARTE GRÁFICA: PATRÍCIA CIVIDANES

FOTOS: LENISE PINHEIRO

PRODUÇÃO: CONTORNO PRODUÇÕES

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO: LETICIA GONZALEZ

REALIZAÇÃO: DULCINEIA PRODUÇÕES, PRÊMIO CLEYDE

YACONIS E SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA

PAULA COHEN

Atriz e Idealizadora

CARNE DE MULHER foi um chamado desde quando resgatei a peça que tinha lido aos 20 anos. Depois de amadurecer, de ter mais vivências na construção da mulher que sou, de ter a percep-

ção e a consciência da desigualdade estrutural desta sociedade, na trama machista que a sustenta, depois que Dario Fo e Franca Rame morreram e eu me dei conta de que a obra foi escrita em 77 e infelizmente está mais atual que nunca. Então, chamei as minhas fiéis escudeiras, minhas produtoras e propus um gesto político, as convidei para um manifesto feminista, mulheres inquietas e questionadoras que são, toparam na hora. Então, convocamos as incríveis artistas que fazem parte desta ficha técnica. Todas prontamente disseram sim. Entramos em criação, com a empatia das nossas lutas cotidianas, como mulheres, como artistas, como seres "humanas". Preparamos a pele para receber mais mulheres e contamos a história de uma, como quem conta a história de cada uma de nós. CARNE DE MULHER é o nosso grito de libertação, o nosso basta!

GEORGETTE FADEL

Diretora Artística

A libertação das mulheres está acontecendo e é irreversível. E está exigindo de nós que nossas vozes se voltem - agora - para essa questão. Disso depende o novo mundo que sonhamos.

Nosso futuro, o futuro da humanidade depende dessa libertação. Portanto Paula Cohen como guerreira impecável se apresenta para essa função munida de muita certeza, força e poesia. E ironia . E inteligência. O que é vital nos dias de hoje. O coração em formol e sempre pronto. Sozinha mas em bando (nós somos seu bando, o público é seu bando) essa atriz projeta sua obra pensamento na história desse tempo e desse país, parte de um levante que se faz sentir, com muito orgulho nas arenas teatrais das cidades. É carne e é de mulher.

MARISA BETIVEGNA

Cenógrafa e Iluminadora

Um certo dia a Paula me liga querendo marcar um encontro. Nos vimos numa tarde fria de sol e então ela me convida para fazer parte de CARNE DE MULHER, sem antes não deixar de

fazer os mais doces elogios ao meu trabalho, generosidade rara. De uma forma apaixonada e apaixonante, energia intensa e vigorosa, não houve espaço para a dúvida, vamos fazer, vamos usar esse texto para dar esse grito. O mais comovente foi ver como o espetáculo foi só a consequência de algo que já estava há tempos pronto para emergir de dentro dela. E nós, grupo de mulheres sensíveis, só ajudamos a canalizar. Paula e CARNE DE MULHER viabilizam depoimentos engasgados de uma vida toda e, no mínimo, nos sensibilizam e até nos conscientizam (sim) frente a questão do abuso ao feminino. Saí transformada e agradecida.

Diretora de Produção

VICTORIA MARTINEZ Da necessidade de se fazer ser ouvida, vista, entendida, respeitada. De dar um basta neste mundo machista. Para entender que não está sozinha. Quando a partir de uma podemos

ser tantas, com tantas vozes. Entre as que foram, as que criaram e as que criam dia-a-dia com seus nomes levados na potente artista, mulher, que é Paula Cohen. "Companheira me ajuda, que eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mas com você eu ando melhor!" Desta parceria surgiu o convite. Da maturidade da mulher que ela é, para a potência de tudo o que juntas podemos fazer, topei o desafio de nos fazer ouvir, mulher. Porque a nossa carne de mulher é uma só e ela grita!

JESSICA RODRIGUES

Diretora de Produção

CARNE DE MULHER é para mim mais uma prova de que podemos tudo. Nós mulheres temos a inteligência, a força e a sensibilidade para mover o mundo. Com essa peça nos junta-

mos entre equipe de criação e público para transformar histórias terríveis de abuso e violência, sejam elas psicológicas e/ou sexuais, em caminhos para sermos dentro de nós mesmas um novo alquém mais forte e mais nosso. Sejamos nossas! Sempre.

HELÔ CINTRA CASTILHO

Assessora de Imprensa

A primeira vez em que a Paula me contou sobre Carne de Mulher foi em um café, dentro da Livraria da Cultura, na Paulista. Estávamos eu e o Douglas (meu sócio) sentados esperando, quando ela chega, quase saltitando, a sensação que dava era

de que ela nem pisava no chão, tinha um sonho que a erquia, tinha um discurso que precisava voar. Paula chega e já começa a nos contar sobre o projeto, seu processo de tradução e suas tentativas de consequir os direitos para montá-la, que neste ponto já constituía em uma pequena saga. Mas ela tinha certeza, ela tinha teimosia e ela tinha necessidade de dizer aquelas palavras. Neste momento, ainda sem ter os diretos para montar a peça, Paula já nos convidava para fazer a assessoria de imprensa do projeto. Claro que eu e Douglas já estávamos fisgados. Topamos e começamos a dividir com a Paula a certeza de que CARNE DE MULHER estrearia em breve. E assim foi. Interessante observar agora que aquele pés que quase não tocavam o chão, assim continuam dentro da peça, mostrando uma mulher que flutua, uma mulher que vê ao longe, uma mulher que não se conforma. Obrigada por me levar de mãos dadas para este voo, Paula!

LENISE PINHEIRO

Fotógrafa

Paula Cohen toca em feridas com sua arte. Pedi para participar com minhas fotografias, nesse projeto elaborado por mulheres. Logo de imediato, estava estabelecido o conflito entre a

plasticidade e a força do texto escolhido. Mantivemos o foco na violência contra a mulher. Descalabros evidenciando abusos. Carne viva em cena aberta. Enfoque reforçado nessa montagem brasileira para o texto de Franca Rame e Dario Fo. Esse trabalho nos conclama a gritar por respeito e união. CARNE DE MULHER arrebata plateias. Deixando em nós marcas indeléveis.

CLAUDIA ASSEF

Trilha Sonora Original

Foi um prazer e uma honra muito grande ter feito parte da equipe de criação do CARNE DE MULHER, peca que eu vi nascer tão de perto pois por uma sorte do destino sou muito

amiga da maravilhosa Paula Cohen há mais de duas décadas. Fiz uma trilha sonora muito inspirada em suas leituras dramáticas um som carregado de emoção e força, o que são sentimentos que esse texto me remete

PATRICIA MORIM

Responsável Técnica

A peça CARNE DE MULHER é um grito visceral de uma mulher que faz ser voz de todas nós mulheres. Fazer parte desse projeto me faz sentir esse grito a cada apresentação. O mais incrí-

vel é ver como isso reverbera no público, vemos choros durante as apresentações, mas o desejo de contar e arrancar um pouco do peso que é sofrer com abusos quase todos os dias de nossas vidas e somos muitas com esse choro engasgado e essa dor que precisa deixar de ser silenciada. Gritemos a nossa CARNE DE MULHER!

PAT CIVIDANES

Artista Gráfica

Enquanto houver duas, haverá Nós. E este Nós é potência pura para atender a mão que se estende em nossa direção, seja no impulso desesperado de pedir socorro ou dispor ajuda. Paula

sabe disso. Paula sabe que a arte explode o suor entre nossas mãos apertadas, delicadas e inseparáveis. Paula me estendeu a sua, neste convite urgente que é Carne de Mulher. Sim, vamos soltar a voz nas ruas e no palco sempre. Não nos peça paciência, não nos solicite ser menos. O coração sangra na história, nas estórias e no agora. E incansavelmente pulsa. A pele repuxa, arrepia, enoja-se diante das realidades, mas ganha força. E é desta força rasgada que vamos construir um lugar mais justo.



GUAL É O SEU GRITO?



Este projeto foi realizado com apoio do Prêmio Cleyde Yáconis - Secretaria Municipal de Cultura





ASSESSORIA DE IMPRENSA

ΔΡΟΙΟ

REALIZAÇÃO













Este projeto foi realizado com apoio do Prêmio Cleyde Yáconis -Secretaria Municipal de Cultura

IDEALIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CONTORNO PRODUÇÕES

DIREÇÃO GERAL: JESSICA RODRIGUES, PAULA COHEN E VICTÓRIA MARTINEZ

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: JESSICA RODRIGUES **E VICTÓRIA MARTINEZ**

FOTOS: LENISE PINHEIRO

VIDEOMAKER: LUANA JANOTTI

EDIÇÃO: LUANA JANOTTI E LARISSA JANOTTI

DESIGN GRÁFICO E IDENTIDADE VISUAL:

PATRICIA CIVIDANES

DIGITALIZAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO: JESSICA RODRIGUES

ASSESSORIA DE IMPRENSA: POMBO CORREIO

ASSESSORIA JURÍDICA: ISABELA DELMONDE

ASSESSORIA PSICOLÓGICA: CAROLINA CRISTAL

REALIZAÇÃO: DULCINEIA PRODUÇÕES, PRÊMIO CLEYDE YACONIS E SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA QUAL É O SEU GRITO?, nasce diretamente da experiência de CARNE DE MULHER. De termos entendido quão importante é contar, narrar uma trajetória de violências, e sentir que reverbera estruturalmente naquela que a recebe. Vai de encontro com a história de cada uma de nós, e nos liberta, nos faz sentir que não estamos sozinhas, e que sim, os abusos acontecem com todas!

Em QUAL É O SEU GRITO? ultrapassamos os limites do teatro, quebramos a quatro parede, saímos do palco e vamos para as ruas, para o social, para a história de cada mulher. Se antes partimos de uma história, para de alguma maneira contar a história de todas, neste momento personalizamos, contamos a história de muitas, com todas as suas diferenças e singularidades, mas juntas criam um unísono, um depoimento que revela uma sociedade equivocadamente machista.

Vamos no caminho do fortalecimento. É uma gira do feminino, um grito de cura, de união e de coragem!

PAULA COHEN

"QUAL É O SEU GRITO?" é a primeira idealização da Contorno Produções, empresa de Produção Teatral, na qual gerencio junto à Victória Martinez. Foram meses e meses de insistência até conseguirmos viabilizar este projeto. Sabe quando dizem que imaginar não é entender? Graças a todas essas mulheres e a execução real deste projeto que eu entendi e fomos nos reconstruindo juntas a cada conversa.

JESSICA RODRIGUES



DEPOIMENTOS

"A gente tinha voltado de uma viagem maravilhosa e eu achando que agora a gente havia se entendido. Na volta esse homem começou a me desqualificar de novo, me acusar de coisas que era problema dele. E ali eu cai em mim e falei "não velho, pode ir embora. Eu me viro aqui, eu tô na minha cidade" e ele disse "pode ir, você não tem casa, não tem família, não tem trabalho, não tem dinheiro, não tem coisa nenhuma" e eu disse "não tenho merda nenhuma. Não preciso de bosta nenhuma. Eu sou só essa merda desse corpinho cheio de saúde pra carregar. Eu sou um pardal". Não podemos romantizar o sofrimento, mas precisamos falar desse crescimento, dessa explosão, que você vai ter depois de se reapropriar da sua história e da sua vida. E voltar a se qualificar por você e não pelo que o outro tentou fazer de você. Ao mesmo tempo que ele sempre me dava muita estrutura, me alimentava muito bem, comprava as coisas que eu precisava, ele ia me destituindo, ele ia criando dependências. E jogando na cara. Em todas as histórias ele é vítima, ele é corno, ele é injustiçado, todo mundo deu o pé na bunda dele na hora errada. É difícil não ter culpa por estar indo, por ter ficado, por não ter ido antes. Por onde você vai, uma culpa te pega. Você apanha, você fica de olho roxo, fica co marca de dedo no pescoço, fica com o braço cheio de hematoma. Esse reconhecimento da queda é muito importante na reconstrução, porque se você nega a tua falha, você nega a sua responsabilidade, você não consegue identificar quando acontecer de novo. Porque eu não estou imune de ser abusada novamente. Os abusadores encontram vários caminhos. E eles aparecem de acordo com o que a gente está produzindo e emanando naquele momento." FABIANA VAJMEN

"Eu deitei pra dormir, virei de lado e comecei a sentir a mão dele na minha coxa. Eu acordei com ele afastando a minha calcinha e eu não soube o que fazer. Eu travei. Congelei. Tava todo mundo na sala e ele era professor da faculdade e naquela casa tinha vários alunos dele. E eu não entendi o que aconteceu. E naquela época eu estava falando com meninas que acabaram de entrar na faculdade sobre abuso. E eu na hora não me liguei. Eu não gritei, eu não consegui fazer nada. Eu só travei. O silencio da mulher é ancestral. É isso que sabemos fazer de melhor. A gente sabe ficar quieta e fazer uma cara fofa. Acho que o mais importante é primeiro ter consciência do que aconteceu. Porque as vezes demora e você nem lembra. Essa história pra mim foi um processo de resgate da memória. E é muito injusto esse entendimento caber a nós, caber a vitima. A gente precisa entender, ser didática, explicar. E assim, minha vontade de explicar é meio essa, se eu já fiz todo esse trabalho de entender, ele precisa entender também, pois é injusto eu saber sozinha. E graças ao feminismo esse cara foi demitido." **LUISA MIRA**

"Eu lembro de pouquíssima coisa porque acho também que é um efeito do trauma. A única coisa que eu consigo lembrar depois, pra tirar a culpa de mim, é que eu disse não. Ai tinha um segurando minhas pernas, cada um num peito e depois que caiu minha ficha que tinha sido um estupro. Eu tentando falar não, tentando falar. Me perguntando o que tava acontecendo. Até que uma hora eu relaxei e falei "vou esperar isso terminar. Eu não tenho o que fazer... vou esperar terminar". Eu elaborei que tinha sido quando caiu minha ficha que eu tinha dito não. Ai fica aquele "mas, mas, mas". E aí tem que ficar brigando com esse mas. Mas nada né! Mas nada! Acho que a coisa mais importante pra mim é que eu tenho o direito de falar não e que meu não precisa ser escutado. E que eu sou uma agente passiva e ativa e que eu tenho minhas responsabilidades, mas a partir do momento que eu falo "não", a responsabilidade já não é mais tão minha, sobre as coisas que se sucedem depois desse "não", depois que o limite não foi respeitado. O não pra mim é revolucionário. A liberdade sexual da mulher não é ela sair dando pra todo mundo, se ela quer tudo bem, mas é o "não" ser respeitado." REBECCA CATALANI

"Desde pequena eu fui uma garota gordinha. Então eu cresci também uma adolescente gordinha, portanto, uma adolescente feia. Então festinhas do colégio, ninguém queria ficar comigo. Teoricamente eu era uma pessoa mais fácil exatamente por ser sempre a feia. Então eu era um alvo fácil para os meninos ficarem fazendo algumas apostas. Ouvindo até "pode ser até ser feia, só não pode ser muito gorda". A gente vai normalizando esses abusos até que em um momento tudo explode. Eu conheci um menino, saímos, ficamos, começamos a tirar a roupa, ele perguntou se eu estava confortável e eu disse "acho que sim", começou a penetração e doeu muito, muito mesmo, mas eu fiquei calada. Eu tava muito nervosa, totalmente dura, até que eu falei "pera, sai. Eu quero ir embora." E ele disse "não, deixa eu acabar primeiro". Eu fiquei muito em choque e voltei pra onde eu tava, pedi pra ele parar e ele não parou. E eu fiquei lá, parada, inútil, imóvel, sem mexer nada, porque eu era uma tábua naquele momento, não tinha vida dentro de mim. E eu comecei a ler relatos de mulheres que tinham sido abusadas. É como se eu lesse minha história diversas vezes, por outras palavras, outros viés, mas era sempre a mesma história que eu tinha sofrido." LIGIA COSSE

COMO PODEMOS CUIDAR DA SAÚDE DE QUEM SOFREU UMA VIOLÊNCIA SEXUAL?

No Brasil 1 a cada 4 mulheres sofreu violência sexual em algum momento da vida. Isso significa que com certeza alguma pessoa do gênero feminino no seu ciclo social, seja sua mãe, tia, namorada ou irmã já sofreu este tipo específico de violência. A vulnerabilidade pode ser ainda maior quando se trata de mulheres negras e a população T¹.

Quando ampliamos o termo abuso, considerando toda e qualquer ação não consentida sob um corpo, concluímos que todas as mulheres - cis, trans, travestis e transfemininas² - já vivenciaram algum tipo de abuso contra seu corpo. Não deveria ser algo tão presente na vida de nós, pesso-as do gênero feminino, experimentar desde muito cedo nossos corpos invadidos, objetificados e violentados, tendo consequências físicas, afetivas, psíquicas e emocionais.

Existe na nossa sociedade, uma cultura do estupro gerada pela estrutura patriarcal, um sistema de poder, onde alguns corpos detêm privilégios, enquanto outros são controlados e marginalizados. Além disso, antes mesmo de nascer todes³ nós temos marcadores de gênero que nos acompanham a vida toda, designando quais são os comportamentos socialmente aceitáveis para um corpo com vulva e para um corpo com pênis. Isso significa que todes temos responsabilidade sobre as violências produzidas socialmente.

A partir dessa construção social que molda nossos corpos, comportamentos e até nossas emoções é muito comum que uma vítima de violência sexual tenha muita dificuldade de falar sobre a violência que sofreu. As vezes o silêncio é a única maneira de se sentir segure depois da hostilidade sofrida.

É extremamente importante que criemos relações e espaços confortáveis para falar sobre a nossa sexualidade. Muitas vezes, nós, pessoas do gênero feminino, não reconhecemos situações que vivemos como violência por não fazer parte do cotidiano falar sobre nossa sexualidade. Compreender que o que aconteceu foi uma violência é o primeiro movimento a ser feito. E isso só é possível através de educação sexual e espaços afetivos que acolham dúvidas, medos e curiosidades.

A partir do momento que se compreende que o seu corpo sofreu uma violência sexual, falar com sua rede de afeto4 pode ser o espaço mais confortável e seguro. É importante ter pessoas que compreendam a complexidade deste tipo de violência ao seu lado, pois nem todes tem recursos para fazer essa escuta de maneira acolhedora e respeitosa com a sua história, como a Isabela sugeriu assertivamente no texto ao lado.

Esta pode ser uma forma de lidar com o afeto que foi produzido pela violência. Mas também é muito importante trabalhar os efeitos dessa experiência no seu corpo - físico, afetivo, mental e emocional - que podem durar pouco ou muito tempo e que podem ter poucas ou muitas sequelas.

Cada pessoa viverá o impacto da violência na relação com o seu corpo, no seu dia-a-dia, nas suas relações afetivas, etc., de maneiras diferentes. É importante buscar auxílio profissional e olhar para o que dói, a partir das suas possibilidades e disponibilidade. E isso precisa ser feito por profissionais qualificades e em espaços seguros, de preferência a longo prazo. Deixarei aqui, uma lista com alguns equipamentos especializados que você pode recorrer de maneira imediata ou quando se sentir confortável.

A sigla T retirada da nomenclatura LGBTQIA+ diz respeito â população Transsexual, Transgênera, Travestis e Transfemininas. Estes termos serão articulados no item 2.

O termo cis diz respeito às pessoas cisgêneras, ou seja, pessoas que se identificam e tem uma leitura pessoal e social do gênero que lhes foi determinado no nascimento. O termo trans diz respeito às pessoas transexuais, ou seja, pessoas que não se identificam - em diferentes níveis - com comportamentos, papéis e performances do gênero que lhes foi designado no nascimento. O termo Travesti trata de pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homem ou mulher, sim integrantes de um terceiro gênero ou um não-gênero. Pessoas não-binárias são aquelas que não se identificam com um ou outro gênero, mas sim fluem entre os dois e/ou criam novas formas de performance de gênero - utilizamos o termo

transfemininas quando existe um aspecto de feminilidade ancorado na sua performance de gênero.

Indico o texto: "Orientações sobre identidade de gênero: conceitos de termos" um guia técnico escrito por Jaqueline Gomes de Jesus, disponível gratuitamente online.

Se trata de uma ruptura linguística e gramatical, já que na língua portuguesa utilizamos substantivos que têm gêneros binários a partir da cisgenêridade e que não inclui, portanto, corpos trans, travestis, não binários ou gêneros fluidos. Portanto a utilização de "e" no lugar de "o" ou "a" trata-se de uma inclusão subversiva.

Rede de afeto são as pessoas que estão mais próximas de você e quem você confia para compartilhar seus sentimentos e angústias. Quem te fortalece e traz sentido.

CAROLINA CRISTAL FERREIRA

Mulher negra da pela clara, moradora da zona leste de São Paulo, bolsista formada em Psicologia pela UPM, fez pós em drogas e vulnerabilidade social na UNIFESP e atualmente atua no consultório clinico com o projeto Inangá e é ativista co-fundadora e coordenadora de mídias na Roda Terapêutica das Pretas.

ACREDITO QUE FUI VÍTIMA DE UMA VIOLÊNCIA, O QUE EU POSSO FAZER?

Sentimos muito, querida leitora, que você tenha passado por isso. É fundamental que você saiba que não está sozinha: estamos com você.

Diante de uma situação de violência, as pesquisas e as práticas mostram que é bastante importante que a sobrevivente tenha uma rede de apoio e de afeto. Por isso, recomendamos que antes de qualquer coisa você busque uma amiga, uma conselheira ou qualquer pessoa da sua confiança que vá te acolher e reconhecer a sua história. Nesse momento, fuja de pessoas julgadoras ou tóxicas, elas não vão te ajudar e podem atrapalhar muito!

É importante que, já acolhida, você saiba dos seus direitos. Aqui é só um pequeno resumo, por isso é muito importante que busque assessoria jurídica feminista, como a disponível no site Mapa do Acolhimento (www.mapadoacolhimento.com.br), na Rede Feminista de Juristas - deFEMde (www.facebook.com/defemde), na Defensoria Pública do seu estado ou ainda pela contratação de advogadas feministas. Recomendamos a advocacia feminista porque ela é pautada pela credibilidade da mulher e busca defender os seus interesses considerando todo o contexto da violência!

OS SEUS DIREITOS SÃO:

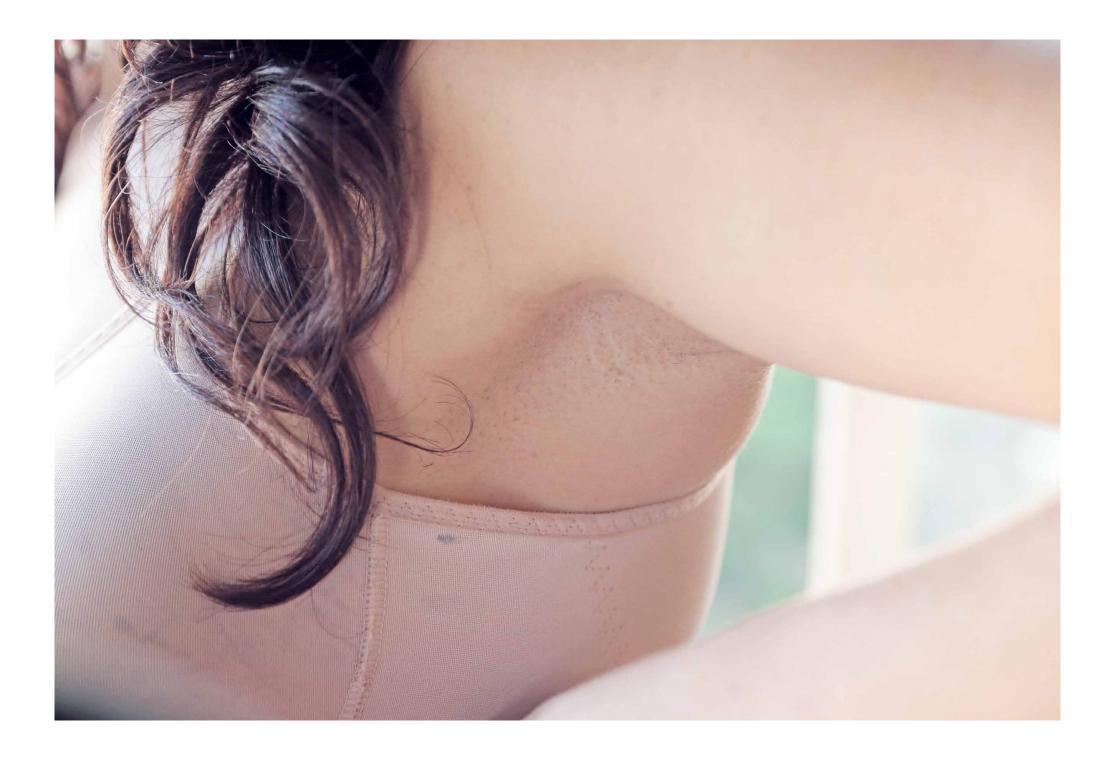
Caso você tenha sido vítima de violência sexual, no hospital você tem direito a:

- Amparo médico, psicológico e social imediatos, iniciado por uma conversa detalhada sobre o ocorrido seguido de exames clínicos.
- Medicamentos antirretrovirais e contraceptivos de emergência. Esses medicamentos devem ser tomados em até 72 horas após a ocorrência da violência.
- Coleta de material para realização do exame de HIV para posterior acompanhamento e terapia e preservar materiais para o exame no IML, como exame de DNA do agressor.

- Laudo preliminar fornecido pelo ou pela profissional de saúde que lhe atendeu, independentemente da especialidade.
- Fornecimento das informações sobre seus direitos e facilitação do registro da ocorrência e encaminhamento ao IML e delegacias com informações para identificação do agressor e comprovação da violência.
- Abortamento legal, pois é direito da mulher abortar, sem necessidade de fazer BO prévio, caso engravide em um estupro.
- Realizar o Boletim de Ocorrência (BO) acompanhada de uma advogada em uma delegacia da Polícia Civil. Você pode encontrar a mais próxima de você no site Secretaria de Segurança Pública ou da Polícia Civil do seu estado. Leve tudo o que você tiver de provas, mesmo que não tenha certeza se é válida, leve. E um documento de identidade. É seu direito que o BO seja idêntico ao que você narrou à escrivã. Não assine o BO enquanto não estiver de acordo.
- A partir do seu BO, a polícia deve instaurar um Inquérito Policial e realizar seu trabalho de investigação do ocorrido. Após a conclusão do IP, este é remetido para o Ministério Público, que poderá decidir se inicia ou não um processo penal contra o investigado. Na maioria dos processos criminais, você não precisa de um advogado, uma vez que é o Ministério Público que processa, porém é recomendável que conte sempre que possível com um aconselhamento jurídico que lhe forneça informações e esclarecimentos sobre o andamento do caso.

ISABELA DELMONDE

Advogada, ativista feminista, sócia do Tini e Guimarães Advogados. Cofundadora da Rede Feminista de Justistas - deFEMde. Conselheira da OAB SP 2019 | 2021.





ONDE BUSCAR AJUDA PSICOLÓGICA?

Psicóloga Carolina Cristal

EM CASO DE VIOLÊNCIA SEXUAL, o ideal é procurar o órgão de saúde mais próximo de você, que pode ser uma Unidade Básica de Saúde (UBS's) ou um Posto de Saúde (PS's) ou órgãos da assistência que são o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Estes espaços terão possibilidade de fazer os encaminhamentos necessários para instituições especializadas no acolhimento de casos de violência contra a mulher. Cada território terá o seu órgão de referência, busque encontrar qual está mais próximo de você:

- Os Centros de Defesa e de Convivência da Mulher (CDCM's), oferecem atendimento psicológico, jurídico e social às mulheres em situação de violência.
- Os Centro de Referência da Saúde da Mulher (CRM's) propõe o mesmo acolhimento que os CDCM's.
- Os Centros de Cidadania da Mulher (CCM's) são espaços de qualificação e formação em cidadania, que auxiliam mulheres a se organizar e defender seus direitos sociais, econômicos e culturais.
- Os Centros de Atendimento para Mulheres Vítimas de Violência oferecem suporte para as mulheres que sofreram agressões e orientações jurídicas para futuras ações legais.

EM CASO DE RISCO DE VIDA, você pode ser encaminhada através dos equipamentos anteriores, à uma casa abrigo, com endereço sigiloso e equipe profissional para acompanhamento do caso. Você pode levar seus filhos menores de 18 anos. Existem também organizações que não tem ligação direta com órgãos públicos e que acolhem esta demanda oferecendo acompanhamento psicoterapêutico grupal ou individual com valores acessíveis:

- Roda Terapêutica das Pretas, uma rede de psicólogas negras que se propõe a atender mulheres negras em seus territórios a partir de um posicionamento ético-clínico-político.
- Casa1, é um centro de cultura e acolhimento LGBT que promove grupos de acolhimento para pessoas que sofreram violência sexual gratuitamente.
- Rede DIVAM, uma rede de psicanalistas feministas que oferece atendimentos grupais.
- Associação Fala Mulher que além da escuta psicológica, oferece apoio jurídico e social;

O mapa do acolhimento também oferece apoio psicológico. No site tem a opção de pesquisa para encontrar o serviço mais próximo de você.

Outra possibilidade são as Clinicas-escolas para acompanhamento psicoterapêutico pontual (geralmente com duração de um ano) com alunos em formação. Basta pesquisar quais universidades tem o curso de Psicologia, geralmente existe uma fila de espera e o processo é gratuito.

Por fim, os Consultórios particulares são outra possibilidade para acompanhamento psicoterapêutico de longo prazo. Dê preferência para psicólogxs que tenham um posicionamento ético- político que dialogue com o feminismo e outras intersecções que perpassem o seu corpo e que tenham experiência com casos de violência sexual.



ONDE BUSCAR AJUDA JURÍDICA

Advogada Isabela DelMonde

- Defensoria Pública do seu estado. Consulte os locais de endereço e atendimento na internet com uma busca simples por "defensoria pública (nome do seu estado)."
- Delegacias da Polícia Civil, onde são feitos os Boletins de Ocorrência.
 Você pode encontrar a mais próxima de você no site Secretaria de Segurança
 Pública ou da Polícia Civil do seu estado.
- Redes de atendimento jurídico, como a Rede Feminista de Juristas deFEMde (www.facebook.com/defemde) e Mapa do Acolhimento (www.mapadoacolhimento.com.br).
- Advogadas privadas.
- Ministério Público do seu estado. Em São Paulo, há o Grupo de Atuação Especial de Enfrentamento à Violência Doméstica (GEVID) do Ministério Público. Nesse link você encontra os endereços do GEVID http://uspmulheres. usp.br/rede-sp-gevid/
- Redes de atendimento de assistência social. Essas redes são municipais e a melhor forma para conhecer a rede da sua cidade é ir até a Secretaria Municipal de Assistência Social; são serviços do tipo portas abertas, sem necessidade de agendamento. Em São Paulo SP, há essa cartilha da Prefeitura de São Paulo com todos os serviços públicos destinados a mulheres http://mulheres.prefeitura.sp.gov.br/
- Há aplicativos para o seu celular como o PenhaS, Salve Maria (Piauí), SOS Mulher, Salve Maria (Uberlândia), Juntas, Mete a Colher, Apoio à vítima. Basta você baixá-los em seu celular e descobrir uma rede imensa de mulheres que querem ajudar e que também precisa de ajuda! É a sororidade na prática!

QUERO EXPOR MINHA HISTÓRIA. O QUE PODE CONTER NO MEU RELATO?

O RELATO PODE CONTER:

- Exposição da sua história, com a narrativa dos episódios de violência vividos (sejam de natureza física, psicológica, sexual, moral, patrimonial, virtual, e outras) e como você se sentiu a respeito;
- Descrições superficiais da pessoa ou local onde a violência ocorreu, desde que não identifiquem de maneira clara o agressor ou estabelecimento. Por exemplo, você pode dizer que ele era um homem forte, alto, de determinada classe social ou profissão, tomando cuidado para que esses dados não especifiquem de quem exatamente você está falando;
- Provas, como fotos das agressões, troca de mensagens, boletim de ocorrência DESDE que oculte dados do agressor (como nome, foto, número de telefone, endereço, etc);
- Canais de denúncia e incentivos para que outras vítimas também denunciem.

O QUE NÃO DEVE CONTER NO MEU RELATO?

O problema do "textão" surge quando a pessoa a ser exposta pode ser identificada. Pois, apesar de ser considerado um agressor, a lei confere a todos o direito à imagem, reputação, honra e privacidade. A depender de como o relato é elaborado, a pessoa que foi exposta pode processar a mulher por danos morais e também pelos crimes de injúria (se houve ofensa), calúnia (se foi imputada a prática de um crime falso) ou difamação (a exposição em si já gera esse direito).

ENTÃO, O RELATO DEVE EVITAR:

- Expor nome, endereço residencial ou profissional, número de identidade, telefone e demais dados da pessoa;
- Onde o agressor estuda ou trabalha. Se esses dados forem essenciais para o relato, tome cuidado para não expor de forma que identifique facilmente. Por exemplo, você pode dizer que a pessoa é médica, mas evite dizer o nome do hospital;
- Foto do indivíduo ou de sua família, seja do rosto, ou de elementos que caracterizem a pessoa (ex: uma tatuagem);
- Ofensas, xingamentos e imputação de crimes falsos. Se o seu relato inclui a prática de um crime (ex: estupro, ou lesão corporal), não vá além daquilo que realmente aconteceu. Nesses casos, é recomendado ter pelo menos algumas provas do seu relato para se resguardar judicialmente.
- Incitação de ódio ou represálias contra a pessoa exposta. Evite convidar pessoas a xingarem o agressor em sua página pessoal.

Fonte: http://bragaruzzi.com.br/2018/04/25/sofri-uma-violencia-posso-expor-meu-agressor-na-internet/ - Texto indicado pela Advogada Isabela DelMonde.